

---

# *A EXPERIÊNCIA DE ENSINAR E APRENDER (SENDO) NO SER*

---

*Luiz Claudio Esperança Paes<sup>1</sup>*

*“Quem o mais profundo pensou, ama o mais vivo”.<sup>2</sup>*  
Hölderlin.

Ensinar e aprender: um desafio de libertação.

O olhar<sup>3</sup> fenomenológico<sup>4</sup> é nosso guia nesta caminhada.

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da SEEDUC/RJ. Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – PPFEN/CEFET/RJ

<sup>2</sup> In: HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer pensar? In: Ensaios e Conferências. Tradução de Gilvan Fogel. Petrópolis. Vozes. 2010, p. 120.

<sup>3</sup> Como ressaltou Márcia Schuback: “O salto de olhar é horizonte de uma preparação para uma outra compreensão do que seja a relação entre pensamento e linguagem enquanto pensamento e palavra a partir da experiência.” (A perplexidade da presença. In: HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis. Vozes. 2009, p.18).

<sup>4</sup> Emmanuel Carneiro Leão nos esclarece o sentido da expressão: “A constituição dos feitos e dos fatos da consciência não perfaz o que há de fenomenológico na fenomenologia de Husserl e sim o procedimento específico com que se descobre e encontra a constituição intencional da consciência. Do mesmo modo, o que há de propriamente fenomenológico na fenomenologia da presença não está nas estruturas existenciais que forma o modo de ser da pre-sença, a existência. O fenomenológico da ontologia fundamental é o método, o modo de liberar, die Freilegung, as estruturas existenciais da dinâmica de totalização da temporalidade originária.” (A Fenomenologia de E. Husserl e a Fenomenologia de M. Heidegger. In: Filosofia Contemporânea, Petrópolis. Daimon, 1ª edição. 2013, p. 30). Os negritos são nossos.

Independentemente da cronologia biográfica ou nuances de pensamento, Heráclito, Parmênides, Nietzsche, Mestre Eckhart, Emmanuel Carneiro Leão e Heidegger assumem relevo nesta trajetória enquanto questão a ser investigada. Chamamos atenção para um modo de ver o problema, articulando-se dimensões de entendimentos como possibilidades de convergência quanto ao tema proposto, tendo por base que todo ensinar-aprender, seja em sua realização como em sua desrealização, só é o que é (*sendo*) no Ser<sup>5</sup>.

Por mais paradoxal que possa parecer, o Ser por ser não há. Ser não existe sem o homem, mas não é consequência do homem. Que seja esclarecido: ao se afirmar, aqui, que o ser “*não é consequência do homem*” significa e está dito que o homem não tem o poder da criação ou domínio do Ser, não se impõe sobre tal proveniência. O homem é o que é e sempre foi como é desde Ser. A dinâmica do real é o vigor constituinte dos entes, mas só ganha sentido, como vigência de pensamento, no homem, não no animal e nem no vegetal. É nesse sentido que afirmamos que “*o Ser por ser não há*” e “*o Ser não existe sem o homem*”, só e apenas isso. Como ressaltado, por paradoxal, mais que absurdo ou frase de efeito, trata-se de salutar provocação de pensamento. No mesmo sentido caminham as considerações de Emmanuel Carneiro Leão:

*“(…) o homem é o lugar de que necessita e, por conseguinte, cria o Ser, destinando-se “epocalmente”, isto é, sendo Ser. A consolidação da necessidade, que assim se destina, é a linguagem onde mora o homem. A custódia desse ser da linguagem se dá originariamente na palavra do poeta e no pensamento dos pensadores, que articulam o destino “epocal” do Ser. Nesse sentido a linguagem “é a casa do Ser” e “os poetas e pensadores são os seus vigias.”<sup>6</sup>*

---

<sup>5</sup> “Mas o Ser – o que é o Ser? É ele mesmo. O pensamento vindouro terá que aprender a fazer essa experiência e a dizê-la. O “Ser” não é nem Deus nem um fundamento do mundo. O Ser está mais distante do que todo ente e, não obstante, está mais próximo do homem do que qualquer ente, seja um rochedo, um animal, uma obra d’arte, uma máquina, seja um anjo seja um Deus. E, todavia, para o homem é a proximidade o que lhe está mais distante. Em primeira aproximação, o homem se atém sempre, e somente, ao ente. Sem dúvida, sempre que o pensamento se representa o ente como ente, refere-se ao Ser. No entanto, não pensa, na verdade, senão o ente como tal e nunca o Ser como tal.” (HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1967). Os negritos são nossos.

<sup>6</sup> CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. Introdução. 3. Sobre o Humanismo e os Pensadores Essenciais. In: Martin

O *'dizer'* de qualquer *'ensinar'* ou *'aprender'* é pré-categorial, pré-reflexivo, é contato pré-discursivo. O mistério deste contato nos trouxe uma avalanche de respostas na tentativa de "explicar" como se ensina e se aprende filosofia. Ensinar filosofia não é falar, é *dizer*. Como assim? A intuição de Heráclito, cujo teor se eterniza por mais de 2.500 anos de história, nos remete à dimensão desse *'dizer'* no fragmento 50: "É sábio, ouvindo não a mim mas ao logos, concordar que todas as coisas são uma"; e também no fragmento 19: "*Não sabendo como ouvir, também nada pode falar.*"<sup>7</sup>

Os fragmentos de Heráclito nos remetem a uma *escuta*. Auscultar o *logos* como possibilidade hermenêutica sobre o *sentido* do homem e da vida, sobre o modo de ser do homem no mundo é *Dasein*<sup>8</sup>, *'ser com'*, como trânsito do *'deixar-se dizer'* no e do vigor da linguagem enquanto tal. Todo *'deixar ver'* algo (*phainesthai*) é oriundo do Ser que guarda o *mistério* de estar sendo e não sendo ao mesmo tempo, concretizando-se numa *intuição* originária que capta (consoma) este jogo instaurador das decisões do real como força constituinte em todas as realizações. A dinâmica da *physis* guarda o movimento de desvelamento e velamento da realidade denominado pelos gregos *alétheia*, sendo certo que não há exercício da liberdade e nem realização do Ser sem doação de pensamento radical aos *mistérios* da criação, seja no âmbito da filosofia, seja no âmbito da ciência. Foi o que Rudolf Bultmann identificou como a mais poderosa expressão da *liberdade* ao fazer referência à mensagem do Novo Testamento (1Co 3.21-23): "*pois tudo é vosso...seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja as coisas presentes, seja as que estão por*

Heidegger. Sobre o Humanismo. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1967, p. 16. Os negritos são nossos.

<sup>7</sup> KAHAN, Charles. A Arte e o Pensamento de Heráclito, São Paulo, Paulus, 2009, pp. 72 e 65.

<sup>8</sup> Ensina-nos Carneiro Leão o sentido da palavra empregada por Heidegger: "Dasein é a locanda, a estância móvel, onde o homem encontra as possibilidades ontológicas para edificar seu modo de ser em todos os níveis de seu desempenho. Por isso, para edificar-se, Ser e Tempo não pode partir nem instalar-se na consciência, seja intencional ou não, seja transcendental ou não, seja empírica ou não." (A Fenomenologia de E. Husserl e a Fenomenologia de M. Heidegger. In: Filosofia Contemporânea, Petrópolis. Daimon, 1ª edição. 2013, pp. 32-33). Os negritos são nossos.

*vir, tudo é vosso*'.<sup>9</sup> Aprender filosofia requer dois pressupostos: a capacidade de pensar e a vontade de aprender, sem os quais, nem mesmo Platão e Aristóteles, juntos, dariam conta dessa tarefa, caso não se assuma a decisão radical de aprender a pensar.

Por outro lado, até que ponto ensinar filosofia não '*diz*' ser filósofo? A tensão entre ser professor e ser pensador nunca é ultrapassada, mas apenas aprendemos a compreendê-la, a conviver com ela. Como? Assumindo *atitude*. Qual? Compreender que todo ente é no Ser, ou seja, sendo se é no Ser desde o *Hén Pánta* de Heráclito [Um (é) tudo]<sup>10</sup>.

A lida da aprendizagem e do ensino filosófico diverge das demais ciências. A filosofia não visa e nem está preocupada com efeitos utilitários ou vantajosos. A ganância, a sede material, mata a filosofia. Em contrapartida, os demais campos do saber, mormente o tecnológico, não se abstêm de aprofundar o pensamento, a pensar radicalmente, a título de obter sustentação para alcançar seu objetivo metodológico enquanto finalidade prática e utilitarista. Porém, essa não é a preocupação da filosofia enquanto atitude radical. Radicalizar as pesquisas em qualquer campo do saber equivale a caricatura duma "britadeira", cuja insistente perfuração, quanto mais aprofunda, aceitamos ou não, mais encara com o próprio filosofar, mais se depara com o *modo* de ser da filosofia. Este é modo de ser que nem sempre é valorizado por ocultar-se, por não se lançar a holofotes de ocasião. Porém, desde sempre e estranhamente, vive e irrompe da sombra obscura do não-saber, pois seja como professor seja como pensador, tal atitude reside no silêncio do paradoxo originário e misterioso oriundo de um '*deixar-se dizer*' demarcado pela sentença Socrática '*sei que não sei*'. Emmanuel Carneiro Leão

---

<sup>9</sup> In: Teologia do Novo Testamento, São Paulo, Academia Cristã, 2008, p. 404.

<sup>10</sup> Fragmento 50: "Auscultando não a mim mas ao Logos, é sábio concordar que tudo é um." (Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Tradução de Carneiro Leão, E. 3ª Edição. Vozes. 1999, p.71). A questão é retomada no item 3 deste trabalho.

esclarece-nos a dimensão deste “*que*” Socrático – “*sei que não sei*” -, desconsiderando-o categorial ou transcendental, mas que guarda e arrasta consigo o sentido de toda aprendizagem filosófica:

*“A aprendizagem da filosofia passa sempre pelas obras dos grandes pensadores. Mas uma leitura com tal propósito de aprender a pensar não poderá ser ideológica. Não se estudam os filósofos para sair repetindo as atitudes que tomaram, as posições que defenderam ou as respostas que deram. Em toda leitura e interpretação de um texto está em jogo a capacidade de pensar de quem lê e interpreta. “A filosofia não é uma doutrina. A filosofia é uma atividade”, diz Wittgenstein no nº 5217 do Tratado Lógico-Filosófico. E qual é atividade da filosofia? - É a atividade de aprender e ensinar a pensar. A tarefa do pensador não é construir respostas nem formular teorias. É examinar as irrupções das diversas teorias e respostas em seus respectivos pressupostos de sustentação. Na conhecida formulação socrática “sei que não sei”, este “que” não tem função nem categorial, nem transcendental, seja integrante, seja causal. Indica simplesmente a conjuntura histórica da existência, em que se dá e exerce a liberdade do pensamento em tudo que sabe. O pensamento não somente sabe que não sabe. A formulação não visa apenas a constatar um fato e sua aceitação por parte de Sócrates. Fala de uma realização e modo de ser, a realização e modo de ser do filósofo. O pensador em tudo e, sobretudo, vive o não saber. Pois pensar não é saber. É não saber. Quando se pensa não se pretende saber, e quando se pretende saber, não se pensa. Desde o Poema de Parmênides, o pensador-filósofo é aquele que não cessa de questionar as raízes em que se encontram e desencontram, numa encruzilhada da verdade, os caminhos do ser, do não ser e do parecer.”<sup>11</sup>*

Todo professor ou filósofo é aluno e todo aluno, à medida que aprende, ensina, vem-a-ser-professor, professa, aprende a filosofar, torna-se filósofo. Portanto, todo aluno quer aprender, ainda que não saiba isso. Todo aluno quer ensinar, ainda que não saiba isso.

<sup>11</sup> A História na Filosofia Grega. In: Filosofia Grega: uma introdução. Teresópolis, Daimon. 2010, p. 20.

Todo professor vivencia as duas possibilidades – aprender e ensinar –, ainda que não se dê conta disso imediatamente.

Mas qual a diferença? Qual o limite entre ser aluno e ser professor, aprender e ensinar? O que demarca a condição de cada qual? Por mais paradoxal que possa parecer e ainda que não percebamos imediatamente, o homem só se faz aluno quando vivencia o compromisso radical de ensinar e assim aprende. Por outro lado, o homem se faz professor quando vivencia o compromisso não menos radical de aprender e assim ensina. Com o compromisso de querer ensinar o aluno aprende e com o compromisso de querer aprender o professor ensina. Com isso evidencia-se a identidade – aprender-ensinar – no seio das diferenças entre aluno e professor e é para este lugar que passamos a liberar o pensamento enquanto questão.

Nessa dimensão, o que quer dizer compromisso? Compromisso é, sobretudo, uma promessa consigo mesmo, não apenas com o outro de si mesmo, mas também com o outro dos outros no “não-outro”, ou seja, com tudo que é e não está sendo, com o ser e com o nada. Comprometer-se é não só acolher, mas recolher-se no envio de uma missão. Como assim? Não se trata do cumprimento de mandatos, missões diplomáticas ou político-partidárias no esteio de uma programação, mas sim de abrir-se ao envio radical do Ser ao pensamento no Homem, compreensão tão bem retratada na mensagem do Evangelho, quando Deus enviou o *logos* à terra e o Filho do Pai transmitiu seu ensino aos Apóstolos – “*Como o Pai me enviou, eu vos envio (...)*”<sup>12</sup>

Aprender-ensinar é missão, é compromisso, é modo de concentração e realização de pensamento enquanto desafio de libertação. Cumprir essa tarefa é *reagir*, efetivamente, contra todas

---

<sup>12</sup> JOÃO. 20,21. ‘3. O dia da Ressurreição – Aparições aos Discípulos’ (Novo Testamento - Evangelho Segundo São João). In: Bíblia de Jerusalém. Tradução do Francês. Direção Paulo Bazaglia. Paulus. 2002, p. 1893.

as formas de propaganda avassaladoras, que não convencem e não condizem com a realidade; que em vez de incentivar paralisam o pensamento, impondo-se pela força e pela violência, em vez de libertar; que se nomeiam com programas a benefício de tudo e de todos, mas escravizam e propagam desalento em lugar de humanizar; que seduzem com “belos discursos”, mas não dizem a verdade. Cumprir a missão de ser professor é ter a coragem e *reagir* contra todas as formas de opressão que mais escamoteiam o ensino trans- e inter- disciplinando, generalizando e repetindo; que solicitam mais sentimentalismo e emoção do que propriamente aprender a pensar uma cultura autêntica, especulando sobre a massa, inibindo a espontaneidade de criação.

## 2. Heráclito e Parmênides: a unidade e as aparências em jogo.

Heráclito e Parmênides assumem importância neste trabalho por serem pensadores originários quanto à provocação do próprio pensamento; portanto, de todo aprender-ensinar. Em Heráclito a realidade muda constantemente e pertence à sua natureza essencial o devir. Isto não deve ser interpretado como se não houvesse em absoluto *uma realidade* em movimento, pois o movimento não é a característica mais importante de seu pensamento. Heráclito insiste numa palavra [*Logos*], ou seja, uma especial mensagem à humanidade como *Phýsis* do todo, pois 'a *Phýsis gosta de permanecer oculta* (fragmento 123).<sup>13</sup> Em relação ao *Logos* que, segundo Heráclito dirige o acontecer no mundo, por ele considerado incriado, existente desde a eternidade, o qual os homens devem escutar, pergunta-se: - tal palavra pode realmente ser traduzida? Tal palavra assume várias traduções, mas pode significar possibilidade constitutiva de todas as realizações na realidade, inclusive a de aprender e ensinar.

---

<sup>13</sup> CORDERO, Nestor Luis. A Invenção da Filosofia. São Paulo. Odysseus. 2011, p. 80.

A contribuição original de Heráclito à filosofia há de ser encontrada noutra parte, pois consiste na sua concepção da *unidade* na *diversidade*, da *identidade* nas *diferenças*, pois sob o fluxo incessante existe *uma unidade*. Heráclito percebe uma unidade para além da diversidade, mas não a vê como Parmênides, simplesmente um Ser imutavelmente constante, como também no devir e na diversidade ele não vê apenas ilusões, aparências. Heráclito entende que a *luta de contrários* entre si é essencial ao ser mesmo do Uno, ou seja, o Uno só pode existir na tensão de contrários. É a unidade dos opostos a única energia primordial de possibilidades do real. Todo desenvolvimento ocorre na interação polar de forças que se opõem. Essa a condição para possibilidade harmoniosa do mundo<sup>14</sup>, tanto para aprender quanto para ensinar.

O conceito chave de “medida” controla a dinâmica da realidade que não é fluente.<sup>15</sup> O combate, a guerra, é “*o pai de todas as coisas, o rei de todas as coisas*”<sup>16</sup>, sendo certo que a mais bela harmonia provém das coisas divergentes, das diferenças.<sup>17</sup> Em Heráclito “*O filósofo ama a sabedoria porque não a possui. O autêntico sábio, de outra parte, possui um único conhecimento, mas essencial: conhece “a razão que governa tudo através de tudo” (fr. 41).*”<sup>18</sup>

Quanto a Parmênides destacamos a interpretação de Emmanuel Carneiro Leão a respeito do *terceiro caminho* de Parmênides, fonte

---

<sup>14</sup> HERÁCLITO. Fragmento 8: “O contrário em tensão é convergente; da divergência dos contrários, a mais bela harmonia.” In: Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Vozes. 3ª Edição. 1999, p.61.

<sup>15</sup> HERÁCLITO. Fragmento 30: “O mundo, o mesmo em todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez mas sempre foi, e será, fogo sempre vivo, ascendendo segundo a medida e segundo a medida apagando.” In: Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis. Vozes. 1999, p. 73. Ver também: CORDERO, Nestor Luís. A Invenção da Filosofia. Tradução Eduardo Wolf. Odysseus. 2011, p.87.

<sup>16</sup> HERÁCLITO. Fragmento 53: “De todas as coisas a guerra é o pai, de todas as coisas é senhor; a uns mostrou deuses, a outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres.” In: Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis. Vozes. 1999, p. 73.

<sup>17</sup> HERÁCLITO. Fragmento 8. In: Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis. Vozes. 1999, p. 61.

<sup>18</sup> CORDERO, Nestor Luís. In: A Invenção da Filosofia. São Paulo. Odysseus. 2011, p. 78.

originária de todo aprender e ensinar humano, cuja nobreza de espírito criador merece ser pontuada:

*“Em todo caminho, o percurso do humano na vida faz sempre a experiência decisiva de que as aparências integram irresistivelmente ser e não ser homem dos homens. O aparecimento das aparências pertence e não pertence a ser e não ser de qualquer sendo. Encruzilhada de todos os caminhos, o homem caminha sempre no silêncio da linguagem, que cala mesmo quando uma língua fala, e fala mesmo quando uma língua cala. Porque morreremos um dia, morremos todo dia a cada instante da vida. Porque nascemos um dia, nascemos a cada momento de todo dia. Assim o homem morre quando vive, e vive quando morre, sempre recolhido à e pela mortalidade de sua condição de ser o mais finito de todos os seres, por ser e não ser, por aparecer e parecer o único ser que vive, experimentando, na própria finitude, a infinitude. De Sto Agostinho Sto. Tomás herdou esta percepção do modo humano de ser e a formulou numa frase famosa: nihil adeo est finitum quod nihil infinitum in se habeat: nada pode ser tão finito que não contenha em si algo de infinito. É a interpretação medieval da não menos famosa passagem do De Anima: o humano no e do homem é ser e não ser, de algum modo, todos os seres. Um homem verdadeiramente humano, i.e, que descubra sua humanidade em ser e não ser nos aparecimentos da aparência e não aparência, não é quem corre atrás, bronco e cego, no dizer de Parmênides, de uma única verdade, mas quem percorre os caminhos, de ser e não ser, de parecer, aparecer e desaparecer em toda caminhada; é quem sente o sabor da realidade presenteada em todo real; é quem não tenta fugir às e das tempestades de ser; é quem não busca evitar as calmarias ou o desespero de não ser; é quem não despreza os nevoeiros de parecer e as brumas de aparecer e desaparecer, em toda situação da vida. Em silêncio, no silêncio da linguagem, a encruzilhada de todos os caminhos joga sempre o humano numa travessia, na travessia da “terceira margem do rio” onde cada um de nós se sente em si um “pilar na*

*ponte de tédio”, segundo a provocação ontológica que nos deixou Mário de Sá Carneiro: “Eu não sou eu nem sou o outro, Sou qualquer coisa de intermédio, Pilar da ponte de tédio, que vai de mim para o outro!”<sup>19</sup>*

### **3. *Philein versus Óreccsis*: uma integração radical.**

Enquanto ente o homem é acontecimento finito que difere dos demais, acusa diferenças. Diferença não diz desigual, dessemelhante, diverso ou contrário. Ao contrário, tudo que é diverso, dessemelhante, desigual ou contrário já está e sempre estará no seio de toda e qualquer diferença. Mas o que é ‘seio da diferença’? Diz unidade do Ser e nessa unidade se encontra a força misteriosa de tudo que é gerado. Mas gera como? Surgem como questões o ‘de onde’ da origem, o ‘como’ do caminho, o ‘para onde’ do destino e o ‘para quê’ da finalidade. Tais questionamentos são secundários em face do problema enquanto questão, pois a questão fundamental é outra ao se tratar de ensinar e aprender filosofia, de ser professor e ser aluno. No dizer de Martin Heidegger, a questão fundamental é *aspiração*.

*“O philein tò sophón, aquele acordo com o sophón de que falamos acima, a harmonia, transformou-se em Óreccsis, num aspirar pelo sophón. O sophón – o ente no ser – é agora procurado. Pelo fato de o philein não ser mais um acordo originário com o sophón, o philein tò sophón torna-se “philosophia”. Esta aspiração é determinada pelo Eros.”<sup>20</sup>*

Ao filosofar o pensamento age e quando age aspira. Aspira a quê? Aspira o desejo de saber enquanto amor à própria sabedoria, seja quando se aprende ou ensina, seja quando nos encontramos na condição radical de aluno ou professor. Disposição é a palavra-chave

---

<sup>19</sup> CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. O homem no Poema de Parmênides. In: Anais de Filosofia Clássica, Vol. 1 nº 1, 2007, pp. 35-36. Cf. <http://afc.ifcs.ufjf.br/2007/carneiro.pdf> - em 24/06/2015). Os negritos são nossos.

<sup>20</sup> Que é isto – a filosofia? Tradução Ernildo Stein. São Paulo. Duas Cidades. 1978, p. 27.

do amar. Quem não se dispõe não ama nessa dimensão, não sente o sabor e nem a aspiração de todo conhecer imbricado na dinâmica de 'aprender-ensinar'. Por isso Emmanuel Carneiro Leão afirma que *"ensinar é um dar e prestar (...). Aprender-ensinar é pois a identidade e diferenciação de nossas diferenças com a realidade, tanto com a realidade que nós mesmos somos, como com a realidade que nós não somos."*<sup>21</sup> Tal disposição não tem natureza material nem formal, nem categorial nem transcendental, mas se instala na ordem do pensamento num movimento de vir-a-ser o que é determinado pelo *Eros*. Todo ensinar e/ou aprender encontra-se na disponibilidade de amar, de viver o outro como *o* mesmo e não apenas como a *si* mesmo, de perceber a identidade nas diferenças enquanto condição de possibilidade de todo aprender e ensinar. É a hermenêutica de Heidegger ao ler Hölderlin citada como epígrafe deste trabalho:

*"Quem o mais profundo pensou, ama o mais vivo."*

*A proximidade imediata dos dois verbos, "pensar" e "amar", forma o meio do verso. Com isso, consideramos que o amor se funda no fato de pensarmos o mais profundo. Tal "ter pensado" provém presumivelmente daquela memória, no pensar da qual funda-se o próprio poetar e com ele toda arte. Mas então o que quer dizer pensar? Jamais aprendemos, por exemplo, o que é nadar através de um manual sobre natação. O que é nadar é dito saltando na correnteza. Somente assim conhecemos o elemento em que o nadar precisa se mover. Qual é, porém, o elemento em que se move o pensamento? Suposta verdadeira a afirmação de que ainda não pensamos, então ela está ao mesmo tempo dizendo que nosso pensamento ainda não se move no seu elemento próprio e isso, na verdade, porque e realmente o a-se-pensar retrai-se para nós. Isto que assim, de um tal modo, de nós se retira e, por isso, permanece impensado, não podemos por nós mesmos coagir ao encontro. E nem mesmo tomando-se o caso mais oportuno, a saber, que nós nitidamente já pressentimos o que de nós se retrai. Então, só nos resta uma*

<sup>21</sup> In: Aprendendo a Pensar, Vol. I. Petrópolis. Vozes. 1977, pp. 48-50.

*coisa. Só nos resta esperar – esperar até que “o a-se-pensar” se nos anuncie. Mas esperar aqui não significa, de modo algum, adiar o pensamento. Esperar quer dizer*

*aqui: manter-se alerta e, na verdade, no interior do já pensado em direção ao impensado, que ainda se guarda e se encobre no já pensado. Através de uma tal espera, justamente já pensando, estamos em via de nos encaminharmos para o que cabe pensar. Esta via pode ser um extravio. Ela permaneceria porém marcada pela disposição de corresponder àquilo que cabe pensar mais cuidadosamente.”<sup>22</sup>*

Em Heidegger *a essência* do homem é antes e fora de qualquer atividade. É a-históricográfica. Em que sentido? Não há como identificar quem foi o primeiro homem na temporalidade do percurso historiográfico e, nessa dimensão, não há tempo. Tão radical a abordagem dessa dimensão que a torna quase incompreensível, pois o humano do homem é irrupção que não se tem notícia onde e quando historiograficamente começou. O homem não começa, não há o primeiro homem, pois ele sempre já começou, sempre já se deu ou aconteceu. O homem não consegue pôr-se antes ou fora de sua humanidade para se captar “o começo” do homem em sua dinâmica de ensinar e aprender.

Ser-no-mundo, Ser-histórico, é inserção. Heidegger quer entender o homem antes de substância, no agir, na ação. O homem não “*tem*” afeto, ele não é algo, um ‘eu’, não é pessoa, intuição, intenção, consciência, reflexão, mas é *tomado* ou *tocado* por afeto, experiência, textura ou constituição ontológica. Nesse sentido, não há *quem* foi tomado, mas há um modo de ser que já desde e sempre é tomado pela ação do afeto, que então o faz ser o que ele é. Dizer ‘*homem*’ como lógica, o pensar sem erro, o “certo”, identifica o homem como ‘*animale rationale*’; isto é, pensá-lo como

---

<sup>22</sup> HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer pensar? In: Ensaios e Conferências. Tradução de Gilvan Fogel. Petrópolis. Vozes. 2010, p. 120. Os negritos são nossos.

o organizador das estruturas da realidade na fundamentação de três princípios: identidade, não-contradição e razão suficiente.

Porém, o homem nunca foi animal. O Homem *ec-siste*. É ser vivente. Nesse '*estar-af* - *Dasein* - vive como *ser-no-mundo*; não mundo em perspectiva geográfica, mas sim como horizonte infinito de sentido. "*O ser-ai é o tempo, o tempo é temporal. O ser-ai não é o tempo, mas a temporalidade*", assinala Heidegger.<sup>23</sup> O homem é o vivente que '*vê*' sem necessariamente enxergar pelos olhos, mas como '*skepsis*' - '*vê o vendo*'. A Hermenêutica radical de Heidegger exige do intérprete um salto, um modo de '*ver*', um modo de perceber e interpretar o fenômeno tal como o descreveu Heidegger ao reler Hegel: "*Recuperamos assim o significado da palavra *skepsis*; (Σκέψις) significa ver, o examinar, o contemplar que se certifica do que é e como é o vendo, o Ser do ente. (...). O ter visto da *skepsis* é aquele *vidi* (vi e vejo agora) que tem em vista a realidade do real.*"<sup>24</sup> Em Heidegger, a radicalidade dessa *atitude* se expressa não como pensamento lógico, mas como analítica existencial. O homem vivencia a alegoria do aparecer mostrando-se como tal, vê o fenômeno tal como é. Vê o fenômeno como experiência, *pathos*, afecção originária do mundo. O homem é o que ele é para ser o que ele é, re-originando-se, re-vitalizando-se, re-vigorando-se.

No dizer de Heidegger a filosofia é acontecimento futuro integrado ao passado. O pensamento originário enquanto harmonia com o *logos* passou a filosófico como busca de um saber, um novo modo de aprender e ensinar. Todavia, precisamos dar um passo mais radical. É desnecessário ao homem encarar a realidade numa "busca" desenfreada, almejando por respostas, teorias e ideologias a todo custo, que ao cabo resultam senão em desalentos. O que

<sup>23</sup> In: O conceito de tempo. Edição bilingue. Prólogo, tradução e notas: Irene Borges-Duarte. Lisboa. Fim de Século. 2008, p. 69.

<sup>24</sup> O conceito de experiência em Hegel. In: Caminhos de Floresta. Tradução Helder Lourenço. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2012, p.180.

mais importa ao homem é, em harmonia, corresponder ao Logos - despertar-se para um modo de agir que o inspira a aprender a pensar novamente. E com isso viramos radicalmente o jogo do pensamento e adentramos no âmbito do não-ser, do não saber, o que nos relembra uma antiga pergunta sempre atual já provocada por Leibniz antes de Heidegger: "*por que há simplesmente o ente, e não antes o Nada?*"<sup>25</sup>.

'Nada', aqui, não quer dizer "coisa nenhuma"; ao contrário, pode ser saúde *ou* doença, alegria *ou* tristeza, vida *ou* morte, ser *ou* não-ser. Apesar da disjuntiva "ou" a copulativa "e" não se encontra afastada em qualquer das aparentes discrepâncias apontadas. É que nessa dimensão todo "*ou*" e todo "*e*" estão em comunhão; '*ou*' e '*e*' se articulam no ser e não-ser de um mesmo instante. É a condição existencial humana no poema de Henry W. Longfellow, tão admirado por Vincent Van Gogh em momentos difíceis de sua vida, ao lembrar a vivência de um melancólico coração, sofrido por um passado de esperanças da juventude que se '*desfaz*' e, apesar de alguns dias serem escuros e tristes, o brilho do sol, em cada vida, há de surgir novamente:

*"Minha vida é fria, escura e triste;*

*Chove, e o vento nunca se cansa;*

*Meus pensamentos ainda se prendem ao Passado que se desfaz,*

*Mas as esperanças da juventude se desmoronam na ventania,*

*E os dias são escuros e tristes.*

*Acalma-te melancólico coração! E deixa de te lamentar;*

*Atrás das nuvens ainda brilha o sol;*

*Teu destino é o comum destino de todos,*

---

<sup>25</sup> HEIDEGGER, Martin. Introdução à Metafísica. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. 1969, p. 60.

*Em cada vida alguma chuva há de cair,*

*Alguns dias hão de ser escuros e tristes.”<sup>26</sup>*

O verbo ‘tornar’ expressado por Píndaro e repetido por Nietzsche ao dizer que “*É preciso viver um caos para se tornar uma estrela*”, tem toda congruência com a realização de aprender e ensinar: - “*Torna-te o que és com a experiência da vida*”<sup>27</sup>. Tal como o ser, o nada foi e continua sendo tema de interpelação e de modo algum temos a pretensão de por ponto final sobre assunto sempre em aberto. Todavia, uma mensagem do outro lado do mundo pode ao menos ajudar-nos a compreender a dimensão do desafio que está em jogo, proporcionando-nos um momento de reflexão:

*“Há o começo.*

*Há o ainda não ter começado a ter um começo.*

*Há o ainda não ter começado a não começar a ter um começo*

*Há o há. E há o não-há.*

*Há o ainda não ter começado a não ter começado a haver o não-há.*

*E eis que há o não-há.*

*Mas ainda não conhecemos o que há ou o que não há realmente no há e no não-há. Ora, quanto a mim, eu já disse alguma coisa, mas ainda não sei se aquilo que eu disse dizia alguma coisa, ou na realidade não dizia nada.”<sup>28</sup>*

Dizer ‘*não-sei*’, partir do nada, refazer novamente, não apenas implica o desafio de transcender os limites do que se sabe, mas, sobretudo, ancorar-se na responsabilidade de descer às raízes de todo ‘*não-saber*’, configurando-se um modo de compreender e exercer

---

<sup>26</sup> LONGFELOW, Henry W. In: Naifeh, Steven e Smith, Gregory White. Van Gogh – A Vida. Tradução Denise Bottmann. São Paulo. Companhia das Letras. 2012, p. 425.

<sup>27</sup> PINDARE. Pythiques. Tradução do grego para o francês: André Puech. Paris. Belles Lettres.1922, p. 56.

<sup>28</sup> ZHUANGZI 2. Cf. Cheng, Anne. História do Pensamento Chinês. Petrópolis. Vozes. 2008, p. 134.

a liberdade de pensamento como renovação de uma cultura, seja enquanto aluno, filósofo ou professor. Sem desmerecer as condições e as conquistas de cada qual, a nomenclatura mais apropriada para esta *atitude radical*, a nosso ver, é o que menos importa. Classificar ser aluno, filósofo ou professor nessa dimensão é “pular da sombra”, pois um nada-criativo já se deu como possibilidade de vir-a-ser aluno, filósofo, professor *etc.* É o que Heidegger pensa a respeito dos entes, ou seja, nenhum ente é: “*Talvez o é só possa ser dito de maneira adequada do Ser, de sorte que, em sentido próprio, nenhum ente é. (...) Somente a partir do “Sentido”, isto é, da verdade do Ser, se pode compreender como o Ser é.*”<sup>29</sup>

Heidegger reabre o problema como questão primordial - *Que é isto - a filosofia?* - e nos conduz a um “filosofar”, a uma *atitude* filosofante, tornando-se tal comportamento um caminho. Caminho que ao trilhá-lo ingressamos sem volta ao modo de pensar e dizer do mundo grego arcaico, *lá*, onde aquilo que se diz se nomeia, ganha concretude na realidade, despojadamente, sem qualquer sentimentalismo ou subjetividade, mas em consonância com o Ser do ente.

Qual a questão primordial está em jogo? Fundamentalmente a interpelação, o *páthos*, a afecção, a possibilidade do homem ser tocado pelo Ser do ente em questão, ou seja, “(...) *à possibilidade de que aquilo a que a filosofia se refere concerne a nós homens em nosso Ser e nos toca (...)*”.<sup>30</sup> Heidegger põe a filosofia para nos falar através do grego, como modo de perguntar e responder em ‘correspondência’ com a experiência existencial do mundo grego arcaico. Transmitir essa possibilidade de compreensão pressupõe uma liberdade, um “*die Freilegung*”, um desafio de libertação com o que foi e continua sendo, mas também com um modo de perguntar e se perguntar em toda caminhada de pensamento.

---

<sup>29</sup> In: Sobre o Humanismo. Tempo Brasileiro. Tradução de E. Carneiro Leão. 1967. p. 56 e 61.

<sup>30</sup> Que é isto - a filosofia? Tradução, introdução e notas: Ernildo Stein. São Paulo. Duas Cidades. 1978, p. 19.

Heidegger exerce um movimento de pensamento, uma experiência de pensamento, sem se preocupar com a convenção linguística tradicional, mas resgata um antigo sempre novo modo de encarar a realidade como questão originariamente grega – *ti estin? (que isto? / que é aquilo?)*. A questão mesma é um caminho e com isso Heidegger quer saber a essência da filosofia, olhando para dentro da filosofia, considerando tal região privilegiada, no sentido que somente a língua grega é *logos*, ou seja: “(...) *estamos imediatamente em presença da coisa mesma, aí diante de nós, e não primeiro apenas diante de uma simples significação verbal*”.<sup>31</sup>

Heidegger aponta-nos a palavra *Philosophos* dita por Heráclito. *Philein* diz *homologain*, falar assim como o *logos*, ‘corresponder’ ao *logos*. Tal correspondência é a chave para a dissolução do problema cambiante - *O que é isto – a filosofia? To sophon* significa *Hen Pánta*: Um tudo, Um (é) tudo, o Ser é o ente. O fragmento de Heráclito, segundo Heidegger, trata duma unidade primordial que tudo une e ‘dá-se’ num movimento de recolhimento do Ser e acolhimento do nada, designa e recolhe, libera e retrai, é velamento e desvelamento.

O Ser é *Logos*. O *Anér philosophos hòz philei tò sophon*<sup>32</sup> é aquele que ama o *sophón*, é aquele que ama ‘*todo ente no Ser*’. Todo ente é (se recolhe, se retrai) no Ser, todo ente permanece recolhido no Ser, pois *no fenômeno do Ser se manifesta o ente*. O ente ser no Ser foi o que se tornou mais espantoso para os gregos e foi por isso que Emmanuel Carneiro Leão esclarece-nos que em Heráclito “*todo fenômeno é espantoso e todo questionamento não*

<sup>31</sup> Idem, p. 25.

<sup>32</sup> To Sophon, aqui, de modo algum tem a pretensão de formular modo de aprendizagem para que alguém, supostamente, se tornasse “O sábio”. To Sophon diz que todo ente é no Ser; tal como o hen pantha de Heráclito - tudo (é) um. Trata de unidade em correspondência com o homem desde Ser. Todavia, Néstor Luis Cordero assinala que o próprio Heráclito não se considerava filósofo, mas um sábio: “O filósofo ama a sabedoria porque não a possui. O autêntico sábio, de outra parte, possui um único conhecimento, mas essencial: conhece “a razão que governa tudo através de tudo” (fr. 41).” (A Invenção da Filosofia. Odysseus. 2011, p. 78).

*visa eliminar, mas aprofundar a pergunta*'.<sup>33</sup> Usamos a expressão "o ente ser no Ser" no sentido da fenomenologia de Heidegger:

*"O sóphon significa: todo ente é no Ser. Dito mais precisamente: o Ser é o ente. Nesta locução o "é" traz uma carga transitiva e designa algo assim como "recolhe". O Ser recolhe o ente pelo fato de que é o ente. O Ser é o recolhimento – Lógos. Todo ente é no Ser. (...) Qual a outra solução para o ente a não ser esta: Ser?"<sup>34</sup>*

Talvez, agora, possamos enxergar uma resposta, uma resposta que diga respeito a todos nós enquanto aprendizes de ensinamentos por toda a vida... Não acostumados com esse modo de ver as coisas tais como são elas mesmas, provoquemos ao menos uma indagação que refunda todas as demais:

- O que é o que é?

Ora, se quisermos aprender a pensar novamente teremos que nos auto-abandonar a um passado que se faz vigente até agora e com isso revigorarmos uma *atitude*, pois se todo ente é no Ser, se o Ser recolhe o ente por que é o próprio ente e se a solução para o ente é Ser, então, a gênese, o originário do ente, é no Ser e assim, se faz ente, ente acontece. Com isso, sem receios, podemos percorrer e dizer o caminho do pensamento, lá, onde todo ente é e sempre foi como é, isto é, em sendo, se é. O ente ser (o que é) no Ser "se tornou para os gregos o mais espantoso".<sup>35</sup> O ente ser no Ser é a essência da questão radical que refunda todas as perguntas: O que é (que faz o fenômeno ser) o que é? Qual o sentido daquilo que se mostra, enquanto tal? O que permite e como se essência a constituição do ente? O que faz com que o ente seja aquilo que ele é? O entendimento a respeito do que se indaga ainda está por vir.

---

<sup>33</sup> In: Filosofia Contemporânea. Teresópolis. Daimon. 2013, p. 126.

<sup>34</sup> Que é isto – a filosofia? – Tradução, introdução e nota s Ernildo Stein. São Paulo. Duas cidades. 2ª Ed. 1978, p.26.

<sup>35</sup> Op.cit. p. 27.

Estamos a caminho desse entendimento final e ele vem sem pressa. A mística de Eckhart, em alguma medida, enuncia esse caminho.

#### 4. A vez de Eckhart: a mística em todo aprender e ensinar.

Guardadas as diferenças de entendimento, Heidegger e Eckhart acusam valor sobre o tema - ensinar e aprender - e se aproximam no modo de ver e compreender o sentido do Ser, razão pela qual ressaltamos breve passagem, porém muito significativa a título de ilustrar a questão primordial que ora se trata:

*“Falei muitas vezes de uma luz que está na alma, de uma luz incriada e incriável. Nessa luz, que costumo sempre tocar em meus sermões, essa mesma luz recebe a Deus imediatamente, sem encobrimentos, despido, como ele é em si mesmo. Isso é uma recepção na realização do **nascimento interior**. Assim posso em verdade dizer <outra vez> que essa luz tem mais unidade com Deus do que com qualquer outra força <da **alma**>, com a qual está em unidade de ser. Pois deveis saber que essa luz, no ser de minha alma, não é a mais nobre do que a ínfima e mais grosseira das forças, como o ouvir ou o ver ou qualquer outra força, a qual a fome ou a sede, o frio ou o calor podem afetar. Isso reside em que o ser é simples. (...) essa mesma luz não se satisfaz com o ser divino simples e parado, que nem dá nem recebe: Ela <antes> quer saber de onde vem esse **ser**, quer adentrar o fundo simples, o deserto silente, lá onde nenhuma diferenciação jamais penetrou, nem Pai nem Filho nem Espírito Santo. No mais íntimo, onde ninguém está em casa, <somente então> lá satisfaz àquela luz e ali dentro ela é mais íntima do que é em si mesma. Esse fundo é uma serenidade do silêncio simples, imóvel em si mesma. Por essa imobilidade, porém, são movidas todas as coisas e concebidas todas aquelas vidas que vivem em si mesmas, aclaradas pelo intelecto.”<sup>36</sup>*

<sup>36</sup> ECKHART, Mestre. Sermão 48. In: Sermões Alemães. Volume I. Tradução e introdução: Enio Paulo

Mas qual o sentido da mensagem de Mestre Eckhart no sermão 48?

Eckhart comenta a respeito das categorias do Ser enquanto condição da existência humana em comunhão com Deus. No entendimento de Eckhart a luz incriada e incriável, súbita, está na alma e é receptora de Deus, uma luz que habita na alma e recebe Deus gratuitamente. Tal recepção é o renascimento interior como possibilidade existencial do humano do homem no mundo. Essa luz está em unidade com Deus e é mais próxima de Deus do que qualquer outra força da alma, ainda que com esta [alma] a luz esteja em *unidade* de ser.

Em Eckhart o ser é *simples*, pois não está aquém ou além de qualquer relação mundanal, “*não é mais nobre do que a ínfima e mais grosseira das forças*”; não se sabe ‘de onde’ vem, onde começou, de qual lugar espacial ou temporalmente ‘o fundo simples’, *silente*, apareceu ou deixar-se-ia encontrar; não tem *diferenciação*, pois se encontra, num fundo, num deserto, onde nem mesmo o Pai, o filho ou espírito santo penetrou; é *íntimo* à medida que somente na casa do Ser, e somente lá, a luz se satisfaz por consumir-se mais íntima do que é em si mesma. A luz encontra morada na qual se refaz em sua íntima luminosidade. Receptora de Deus a luz se revigora em unidade com a alma na casa do ser; o ser é *sereno* na brandura de seu silêncio simples; o ser é *imóvel* em si nessa serenidade, mas nessa e por essa imobilidade, estranhamente, são movidas e concebidas todas as coisas sobre às quais seja possível ao intelecto aclarar, seja ao aprender seja ao ensinar.

## **5. Nietzsche, Heidegger: um salto de esperança e a retomada de uma travessia.**

O homem é travessia. O homem é o trânsito entre o ser e o

---

Giachini. Revisão de tradução: Márcia Sá C. Schuback. Apresentação: E. Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes. 2009, pp. 269-270.

nada, entre tudo que é e está sendo e tudo que não é e não está sendo. No dizer de Ortega "Isso obriga, sem remissão nem fuga, a reconhecer que a verdadeira natureza do homem é mais ampla e consiste em ter dotes, mas também em ter defeitos. O homem compõe-se do que tem e do que lhe falta."<sup>37</sup> "O homem é filho de suas obras" diz Miguel de Cervantes no *Don Quixote*. O Homem é histórico, é temporalidade. É feito pelo que faz num fazer ou afazer que é transformador enquanto criação. O modo de ser do homem é ação, fazer, criação, revigoração incessante. Diria o Grego arcaico: sou experiência e não consigo vê-la de fora! É assim que o grego arcaico vê o conhecimento. Conhecer, aprender-ensinar, é ver o real. Ser-no-mundo é projeto dinamizador da realidade e o homem é o vivente, valora, elabora cultura, sentido, fazendo visível o que se faz visível e a partir daí a realidade se realiza.

Dizer conhecer a partir do homem é antropológico, pois tal realidade não existe e nem se dá a partir do homem. Sujeito-objeto não procede. Homem é ação e agir é constitutivo da existência humana. É inimaginável pensar o homem sem atividade, sem ação. Homem é presença, ser-aí, *Dasein*, ser-no-mundo, abertura, *ecstase*, fora de si, disposto ao que vem tomado pelo sentido do Ser. Ser não é coisa, Deus *etc*. A compreensão do Ser perpassa por um dar-se conta, existindo na temporalidade.

O fenômeno do conhecimento – aprender e ensinar - é derivado da estrutura primária, originária. Vida é movimento que desde si mesmo move a si mesmo, não tem causa nem princípio. Vida é começo que não começa, é subtaneidade, é irromper, gênese, círculo hermenêutico, um *já está*. Homem é abertura, é possibilidade de ser. Vontade de poder não é submissão, mas movimento espontâneo, *sponte*, doação, gratuidade para poder. É irromper-se, revelar-se, põe e se impõe, vem à luz, é movimento

---

<sup>37</sup> ORTEGA Y GASSET, Jose. Por que se volta à filosofia? In: O que é a filosofia? 2007, p. 195.

de aparecer, é fundamento e fundado, é co-pertinência de Ser e ente - "*Ser e pensar é o mesmo*"<sup>38</sup> -, inseparáveis e sem hierarquia. Trata-se de movimento ontológico, pois quando algo aparece certo interesse já se deu e o homem sempre chega atrasado.

Mas há esperança de um salto!

Zaratustra é o porta-voz da esperança, porta-voz da vida; gesta acontecimento – história do homem no seu movimento de transformação, aprendendo e ensinando. Nietzsche mostra a ultrapassagem do ultrapassante em relação ao homem vigente, alienado, a tornar-se convalescente, o super-homem. Zaratustra diz o mesmo que convalescente, *gênesis*, pois quer retornar ao lar e sofre por nostalgia, dor provocada pela falta do lar, da pátria. Quer superar o espírito de vingança e alcançar o para além do homem, sendo certo que 'esperança', aqui, é superar para além, o ultrapassar do homem grego-cristão. Zaratustra é transição para esperança de consolo vital. É vida.

Nietzsche não pretende tratar de teoria de conhecimento, lógica ou epistemologia, explicar neurociência ou neurolinguística. Nietzsche e Heidegger propõem nova maneira de podermos ser herdeiros do classicismo. O grande anseio é a dor da proximidade do distante, ele se alimenta da confiança, da esperança, da espera do inesperado. Mas o que dá direito à esperança? A acumulação, o "cansaço", a saturação da metafísica ocidental.

Essência, aqui, é finitude, é processo de essencialização do homem que implica um salto. O homem precisa ficar predisposto a ser tomado por essa transformação. O homem precisa conquistar o que ele é. Ao dizer que "*O homem é corda estendida entre o animal e o Super-Homem: uma corda sobre um abismo*", Nietzsche nos

---

<sup>38</sup> PARMÊNIDES, no fragmento 3: "...o mesmo é ser e pensar..." In: Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Tradução de Carneiro Leão, Emmanuel. Vozes. 3ª Edição. 1999, p.45.

mostra a passagem do ultrapassante em relação ao homem vigente, a tornar-se o super-homem, uma convalescência. O porta-voz da vida – Zaratustra – gesta acontecimento, a história do homem em sua dinâmica de transformação, uma ontologia, uma enfermidade que gera a catarse do modelo clássico. O movimento do convalescente é querer retornar ao lar, à pátria, e sente essa dor provocada pela falta do lar, pois como disse Ortega *"La duda, em suma, es estar en no inestable como tal: es la vida em el instante del terremoto, de un terremoto permanente y definitivo"*.<sup>39</sup>

Vida, em Nietzsche, é vale de lágrimas necessário para recompensa e cobiça é sede que não sacia. *O Homem Revoltado* de Camus diz revolta contra à existência, sem busca de resignação. A nostalgia da lama em Machado de Assis é transformação em *"estrume"*, dejetos, em lama, sendo certo que para o porco isso é natural, mas ao homem não. O princípio dinamizador do real no Zaratustra de Nietzsche é a vingança e esse espírito de vingança não deixa o homem florescer, aprender-ensinar. Zaratustra é o anunciador de que este homem vingativo grego-cristão deve ser superado, o homem precisa vir a ser o que é na sua essência e assim aprender a pensar novamente. O espírito de vingança é revolta do mundo ocidental por ser a vida não-controlável.

O homem é separado das coisas, mas tem proximidade. *Ecstase* diz abertura e vingança é má vontade na recalcitrância: 'eu vou à forra fazendo Filosofia, Direito, História etc'. Hábito e normalidade é decadência de uma investigação mais aguda, daí a necessidade de reformulação de uma cultura. O pensamento de Nietzsche é doçura para além do homem. Zaratustra quer ver Cesar com a alma de Cristo' ou como quis Che Guevara: *"- Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás!"*

---

<sup>39</sup> Ideas y Creencias (1940). In: Obras Completas, Vol. 5. Madrid. Alianza. 1983, p. 393.

Nada que é imposição persuade. O pensamento de Nietzsche é doçura – “*Gobiernan el mundo pensamientos que vienen con suavidad de paloma.*”<sup>40</sup> Precisamos aprender a ouvir e pensar novamente. Solidão não é isolamento, mas fazer obra própria enquanto dinâmica de criação. Nossa educação está distorcida, houve achatamento e por isso diz Ortega que “*A clareza é a cortesia do filósofo*”.

A exigência de tal radicalidade é *o método* em questão, tanto para aprender quanto para ensinar filosofia. Esse é o modo de enfrentarmos as perguntas que nos deparamos ao longo da presente jornada. A fenomenologia do fenômeno é o caminho e nesse caminho se afigura todo um horizonte de sentido na perspectiva de aprender e ensinar, ser aluno e ser professor, na vigência do próprio pensamento como caminhada de todo caminhante. Nessa experiência de pensamento tal é a recepção do Ser no homem em todo aprender ou ensinar. Venerável é o sentido do Ser e não o escrito da razão, pois o poder da fala falseia e o da escrita também. Porém, é tão-somente na serenidade da comunhão misteriosa com o ‘Ser’ e acolhimento do ‘Nada’ que tem o homem - aluno ou professor - a possibilidade de filosofar, de ensinar e aprender a pensar novamente, numa experiência viva, enquanto ente, (*sendo*) no Ser.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CAVALCANTE SCHUBACK, Márcia Sá. A perplexidade da presença. In: HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis. Vozes. 2009, p.18.

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. Filosofia Contemporânea. Teresópolis. Daimon. 2013.

\_\_\_\_\_. O homem no Poema de Parmênides. In: Anais de Filosofia Clássica, Vol. 1 nº 1, 2007, pp. 35-36. Cf. <http://afc.ifcs.ufrj.br/2007/carneiro.pdf> - (em 24/06/2015).

\_\_\_\_\_. Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Tradução de Carneiro Leão, E. 3ª Edição. Petrópolis. Vozes. 1999, p.71.

---

<sup>40</sup> NIETZSCHE, Friedrich. La hora más queda. Así hablo Zarathustra (1882-84). In: Obras Completas. Buenos Aires. Prestigio. 1970, p. 473.

- CORDERO, Néstor Luis. *A Invenção da Filosofia*. Tradução Eduardo Wolf. São Paulo. Odysseus. 2011.
- ECKHART, Mestre. *Sermões Alemães*. Tradução e introdução: Enio Paulo Giachini. Revisão de tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Apresentação: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes. 2009. Volume I, Sermão 48, pp. 269-270.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Tradução Ernildo Stein. São Paulo. Duas Cidades. 1978.
- \_\_\_\_\_. *O que quer dizer pensar?* In: *Ensaio e Conferências*. Tradução de Gilvan Fogel. Petrópolis. Vozes. 2010, p. 120.
- \_\_\_\_\_. *O conceito de tempo*. Edição bilíngue. Prólogo, tradução e notas: Irene Borges-Duarte. Lisboa. Fim de Século. 2008.
- \_\_\_\_\_. *O conceito de experiência em Hegel*. Tradução Helder Lourenço. In: *Caminhos de Floresta*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p.180.
- HERÁCLITO. *Fragmentos* In: *Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Tradução de Carneiro Leão, Emmanuel. Petrópolis. Vozes. 3ª Edição. 1999.
- LONGFELLOW, Henry W. In: *Naifeh, Steven e Smith, Gregory White. Van Gogh – A Vida*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo. Companhia das Letras. 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. W. *La hora mais queda. Así hablo Zaratustra (1882-84)*. In: *Obras Completas*. Buenos Aires. Prestigio. 1970, p. 473.
- ORTEGA Y GASSET, Jose. *Ideas y Creencias (1940)*. In: *Obras Completas, Vol. 5*. Madrid. Alianza. 1983.
- \_\_\_\_\_. *Por que se volta à filosofia?* In: *O que é a filosofia?* Tradução José Bento. Lisboa. Biblioteca Editores Independentes. 2007, p. 195.
- PARMÊNIDES. *Fragmentos* In: *Os Pensadores originários – Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Tradução de Carneiro Leão, Emmanuel. Petrópolis. Vozes. 3ª Edição. 1999, p.45.
- PINDARE. *Pythiques*. Tradução do grego para o francês: André Puech. Paris. Belles Lettres. 1922, p. 56.
- ZHUANGZII. In: *Anne Cheng. História do Pensamento Chinês*. Petrópolis. Vozes. 2008.

